

RIBEIRINHOS DA AMAZÔNIA: MODO DE VIDA E RELAÇÃO COM A NATUREZA

Cássio Rogério Graças dos Santos ¹

Mayany Soares Salgado ²

Márcia Aparecida da Silva Pimentel³

RESUMO

A Amazônia vem passando desde a década 1960 por intensas mudanças em sua base econômica e política, onde a “modernização” chegou com a abertura das estradas, aí começa o que muitos chamam de integração nacional, pautada nas atividades urbano-industrial, porém ainda existem lugares com o modo de vida ainda visto como “atrasados” ou “tradicionais”. Este texto irá tratar do modo de vida das populações ribeirinhas na comunidade Tabatinga no município de Abaetetuba, no estado do Pará, com o objetivo desse artigo e expor e analisar a sua reprodução social no território. Foi realizadas leituras sobre a temática ribeirinha na Amazônia entrevistas e ida a campo no local do estudo.

PALAVRAS CHAVES:

Populações ribeirinhas, Amazônia, modo de vida, Tabatinga

1. INTRODUÇÃO

A dinâmica das populações ribeirinhas é objeto de estudo de várias ciências, entre elas aparece como destaque à geografia. Sendo que, na Amazônia é possível encontrar ao longo dos rios tais populações, as quais são vistos como ainda vivendo em um modo de vida “primitivo”, principalmente pelas populações citadinas, pelo fato de sobreviverem a partir da pesca, extrativismo vegetal e pequenas plantações de subsistência, onde a vida e dinâmicas são regidas pelo tempo da natureza, o rio. Diferente dos que moram nas cidades com sua rotina ditada pelo tempo “rápido”, visto principalmente como irradiador de tecnologia, conforto, educação e até mesmo com certa “superioridade”.

¹ Graduando em Geografia, Universidade Federal do Pará, cassiogero@hotmail.com

² Geógrafa, Universidade Federal do Pará, mayany_salgado@yahoo.com.br

³ Doutora em Geografia Física/ USP, professora da Universidade Federal do Pará, mapimentel@ufpa.br

Após a década de 1960 a Amazônia, passou por muitas mudanças em sua estrutura, a região passou a ser comandada pelo tempo rápido, traduzido pela grande vontade de integrar ao restante do país, principalmente as áreas onde já a atividade industrial esta em processo de consolidação. Percebe-se uma mudança nas relações na Amazônia, a urbanização das cidades é vista como principal ação do capital Estatal, grandes frentes de expansão adentram na região, vista como uma grande fronteira a se explorada, principalmente pela baixa densidade demográfica. Como assim nos aponta Cruz (2008, p. 57)

Assim, para compreendermos as diferenças e as identidades na Amazônia precisamos levar em conta os espaços produzidos estruturalmente pelo desenvolvimento desigual e combinado do processo de expansão territorial dos atores hegemônicos da economia, da política e da cultura que imprimem uma nova temporalidade e espacialidade após a década 1960 na região, o ritmo da produtividade, o tempo de modernização que incide de forma desigual e diferenciada em densidade e intensidade nos diferentes lugares. Contudo, precisamos igualmente reconhecer outras temporalidades e espacialidades, aquelas dos sujeitos não hegemônicos, ou subalternizados, partir da recriação de singularidades culturais próprias de cada lugar através dos diferentes modos de vida, dos ritmos vividos cotidianamente que implicam em experiências, vivências, identificações com o espaço.

O objetivo desse estudo é observar o modo de vida das populações ribeirinhas da Amazônia, apresentar os diferentes olhares sobre as tais e a sua reprodução social no território, sua relação com a natureza e a sua identificação cultura que as caracteriza como tal, assim apresentar as demandas de tais populações, haja vista que os moradores da comunidade estudada procuram realizar as suas ações de acordo com o desenvolvimento sustentável, para isso é importante a participação da própria comunidade para a elaboração das políticas e ações que se desejam realizar para o planejamento e a gestão; ambiental. Pegou-se a comunidade de Tabatinga no município de Abaetetuba, localizada na mesorregião de Cametá.

A metodologia buscou-se fundamentalmente em trabalho de campo, como o que foi realizada na comunidade Tabatinga, no período de Fevereiro do ano de 2010, leituras e pesquisa bibliografia que serviram de apoio para o estudo. As entrevistas orais e as observações da configuração paisagística local foram de relevância imprescindível

na construção dos dados para compor este trabalho. Os nomes citados nas entrevistas são fictícios.

2. OS DIFERENTES OLHARES SOBRE AS POPULAÇÕES RIBERINHAS

“Historicamente se sedimentou no imaginário social, um conjunto de representações, imagens e ideologias sobre a Amazônia, em particular, sobre as populações que tradicionalmente se territorializaram na região, como as populações ribeirinhas. Diferentes “olhares” vão de um extremo ao outro...” (CRUZ, 2008, p. 52)

Neste tópico serão expostos os diferentes olhares sobre o que se chama de populações tradicionais, enfocando as que vivem nas beiras dos rios, ora conhecidas como ribeirinhas, ora conhecidas como varzeiros e até mesmo pescadores artesanais. Dessa forma três olhares se destacam o olhar naturalista, o tradicionalista ou romântico e o moderno.

O olhar naturalista vê Amazônia, como sinônimo de natureza, a diversidade é vista como a biodiversidade da flora e fauna, uma grande fonte de recursos naturais a ser explorada, essa visão é a mais comum nos meios de comunicação de massa, que mostra apenas o quadro natural, a selva que precisa ser vencida, com moradores extremamente exóticos onde homem e natureza convivem em harmonia. Assim percebe-se a ausência de políticas públicas para atender a demanda de tais populações, principalmente nas áreas da educação, saúde e principalmente na área ambiental e conservação de recursos naturais e hídricos. O maior problema desse olhar é a desconsideração dos processos históricos constituídos a partir da territorialização dos diferentes grupos e por consequência produz a invisibilidade das populações ribeirinhas. (CRUZ, 2008, p.52)

O olhar tradicionalista ou romântico é aquele que está atento somente à cultura, a mera descrição do modo de vida, onde o fato de morar ou viver na beira do rio é visto como simbólico, e também como a visão naturalista, o olhar tradicionalista descarta o processo histórico de formação da territorialidade do lugar. “Essa idealização vê o ‘caboclo ribeirinho’ como o ‘ bom selvagem’ que ainda não cometeu o ‘pecado original da modernidade’ – é como se a cultura e a história pudesse ser congelado” (CRUZ, 2001, p.53). Assim entende-se que a cultura e o modo de vida devem ser mantidos a

qualquer preço, deve ser “preservado” ou “resgatado” e ser mantido em sua essência original. Evitar o contato com a modernidade, pois essa corrompe o homem e muda suas características culturais.

O olhar moderno por sua vez, é tratado como uma visão preconceituosa, que está atenta em pensar os fatos como uma fila histórica, saindo do estagio da selvageria para o estagio civilizado. As populações ribeirinhas são vistos como atrasados, improdutivos ou ainda são regidos pelo “tempo lento”, ligado a dinâmica da natureza onde o tempo é caracterizado principalmente pelo fluxo dos rios da região, as cheias ou as secas. Também são vistos como a expressão do passado, ou seja, um estágio que é necessário ser superado. Essa é a visão mais preconceituosa, pois nega os conhecimentos empíricos de tais pessoas, como se a vivencia nessas localidades fossem apenas um estágio evolutivo, que muitos ainda não superaram, ou seja, não evoluíram.

Tais visões revelam o preconceito que muitos sobre a região amazônica, pois tais comunidades estão conectadas tanto na esfera local, quanto na esfera internacional, sofrendo influencias endógenas e exógenas. Daí a necessidade de estudos sobre a temática para dar uma visibilidade diferente, no sentido de mostrar a realidade de tais populações, as suas necessidades, desejos, anseios e mostrar possíveis caminhos a partir dos conhecimentos empíricos de cada comunidade para se chegar a uma gestão ambiental democrática e participativa.

3. POPULAÇÕES RIBEIRINHAS: USO DA TERRA E A IDENTIDADE CULTURAL

O município de Abaetetuba está localizado na microrregião de Cametá, no estado do Pará, e é formada por dez municípios: Barcarena, Abaetetuba, Igarapé-Mirim, Limoeiro do Ajuru, Cametá, Mocajuba, Baião, Breu Branco, Tucuruí e Mojú. Onde a colonização remonta desde o século XVII, fruto da política dos descimentos e fortins, que visava defender a região dos interesses espanhóis e franceses, que já estavam instaladas em localidades da Amazônia.

A comunidade Tabatinga, localizada em Abaetetuba, está situada mais especificamente na região das ilhas deste município, as quais são formadas pelo ecossistema de florestas tropicais pluviais heterogêneas, compostas principalmente por

açaiçais e buritizais, caracterizando assim as várzeas amazônicas. Além disso, existe uma variedade de árvores frutífera, introduzida pela própria população no período colonial. As ilhas também são cortadas por furos e igarapés, que servem de divisa entre as propriedades fundiárias e as comunidades, podendo ser observado na imagem abaixo.



Fig. Lote de famílias ribeirinhas (Fevereiro, 2010)

3.1 – “O SER RIBEIRINHO” OU “CABOCLO AMAZÔNICO”

A população amazônica é constituída basicamente por negro, indígenas e brancos, predominando o “caboclo amazônico”, o fruto da miscigenação das raças, que em tupi significa “tirado da mata”. A população ribeirinha é composta por trabalhadores que se ocupam do extrativismo do açaí, buriti e cacau, mas também da pesca e confecções de produtos artesanais, como a peneira, e olaria na fabricação de telhas de barro e vaso de cerâmicas. Onde o rio também é elemento central na definição da vida econômica, social e cultural das mesmas.

Sobre a alimentação das populações ribeirinha Josué de Castro, faz uma análise a respeito de a dieta alimentar, que consiste basicamente em derivados da mandioca, da pesca, do açaí entre outras coisas que a própria floresta lhes oferece, assim ele escreve:

Com a massa da mandioca bem amassada preparam uma infinita variedade de pastas conhecidas pelo nome de *beijus*, variando em sua

forma, tamanho, consistência, tempero e gosto, tomando em cada caso um nome diferente de beiju - açu, beiju – cica, beiju – membeca, beiju – peteca, beiju - toteca e muitos outros, conforme encontra documentado em trabalho de Nunes Pereira sobre a alimentação da Amazônia. (CASTRO, 2007, p. 45)

E ainda escreve:

Com esses poucos recursos constitui-se o tipo de alimentação do homem da Amazônia. Alimentação pouco trabalhada e pouco atraente, apresentando até hoje em suas características uma predominância manifesta da influencia cultural indígena sobre a das outras culturas, a portuguesa e a negra, que também participaram da sua formação. (CASTRO, 2007, p. 43-44)

Conhecido como lavrador- pescador, o caboclo é tido como o “guardião da floresta”, sendo aquele que detém os saberes nativos sobre a região, reconstituindo-se assim, como originário do lugar herdeiro dos antepassados indígenas e totalmente adaptados à natureza (SARILLANT & FORLINE, 2001, p. 148-149). Desse modo, é nesses limites e fronteiras conceituais, políticas e étnicas, que se abre o espaço para se pensar a questão do caboclo ou ribeirinho como uma identidade ou uma cultura de “resistência”. Posto que seja sobrevivente de um processo aniquilador, mas que não os destruiu por inteiro.

As construções das identidades, tal como reveladas pelas análises sociais, apontam um paradoxo, onde em quanto os analistas sociais reconhecem que as identidades não são categorias ontológicas, essenciais ou primordiais, os grupos promovem, cada vez mais, a essencialização e a retificação das identidades, apresentando-as como fixas primordiais, promovendo o retorno à etnia e exigindo o direito a diferença. Essa marca pode ser múltipla e flexível, podendo ser apropriadas ou destacadas, vestidas ou despidas em um processo incessantemente de construção, criação e inovação (AGIER, 2001), articulando-se dentro e através das fronteiras étnicas (BARTH, 2000), ultrapassando os limites políticos, locais e culturais.

A categoria também se torna um problema teórico e ético, tanto quanto político: uma identidade reificada pela negação como alguém que está fora do lugar (da modernidade contemporânea); ao mesmo tempo é aquele que pensa pelas representações e estereótipos construídos pelos outros. A politização das populações ribeirinhas é algo que vem ganhando força, várias associações estão sendo criadas, ou

foram criadas principalmente pela igreja católica que criou uma consciência política dos seus direitos. As colônias de pescadores são outro exemplo de mobilização, pois através da organização dos pescadores já conseguiram privilégios do Estado e também “fiscalizam” contra a pesca predatória realizada por grandes embarcações chamadas de “geleiras” que conseguem a partir da pesca uma grande quantidade de pescado para revender até em outras localidades fora do Pará. Porém outro movimento que está ganhando visibilidade é o dos Atingidos por barragens, não apenas em nível local, mas principalmente em nível nacional, movimento que luta pela dignidade e direitos que são perdidos quando há a construção de barragens.

3.2 - MODOS DE VIDA

Sobre modo de vida CANTO 2009, diz:

Genericamente, o modo de vida ou gênero de vida é uma categoria de análise utilizada para designar o conjunto de ações desenvolvidas por um determinado grupo humano a fim de assegurar a sua existência. Assim, a análise da condição concreta da vida de um grupo capaz de revelar a essência dos seus fenômenos socioespaciais.

Pode-se inferir que a categoria de análise modo de vida, tal qual, gênero de vida, como preferiu La Blache, tem caráter totalizante – que mescla a noção de sociedade-natureza para produzir o espaço de vivência – e é uma viabilidade metodológica para estudar a dinâmica espacial das populações ribeirinhas da Amazônia.

Quando se fala em populações ribeirinhas, pensa-se logo em pessoas que vivem na beira do rio, com uma economia fraca advinda da pesca rudimentar, criação de animais para completar a escassa alimentação (principalmente porcos, galinhas e patos) e uma pequena agricultura familiar de subsistência. A comunidade Tabatinga foi o exemplo utilizado como referência, onde a maioria dos moradores são pescadores da comunidade Z14, além de pequenos extrativistas, vivendo basicamente da coleta do açaí, típico dos ecossistemas de várzeas da Amazônia. Sobre tudo com sua cultura rudimentar, simbolizados pela grande dependência dos fatores naturais, climáticos, biológicos e hidrológicos, para a sua sobrevivência e reprodução social.



Fig. 2 Família ribeirinha (Fevereiro, 2010)

No Baixo Amazonas e denominação ribeirinha é relativizada, pois existe outra categoria, que muitos usam e se identificam como tal, “o varzeiro” (CANTO, 2007); deve-se também avaliar se tais populações se identificam como ribeirinho, já que no Baixo Amazonas em algumas comunidades se identificam como varzeiro, embora vivam e desempenham atividades ao longo do rio Amazonas, que a nosso ver, nos levaria a caracterizá-los como em uma única categoria ou grupo social, os ribeirinhos.

... E aquele que vê na diversificação da produção, em que ocorre a combinação da agricultura, criação de gado, extrativismo, pesca e a cultura de alto consumo e alto – sobrevivência. Esta concepção pode ser utilizada para caracterizar o **ribeirinho** que mora isolado, isto é, distantes dos núcleos de povoamento e vilas nas margens dos rios, tanto na várzeas como na terra - firme. Deste modo todo o varzeiro é ribeirinho, mas nem todo ribeirinho é varzeiro. (CANTO, 2007, p. 18)

As famílias são pobres e numerosas, onde os filhos também utilizam da sua força de trabalho para ajudar na economia familiar, na roça ou pescando junto com o pai, assim, raramente conseguem chegar ao ensino superior, mas principalmente pela falta de uma rede de transporte eficiente, existência de poucas escolas nas proximidades, a respeito disso diz Sr. Manuel:

Aqui eu, minha mulher e os meus filhos trabalham ou na terra ou pescando comigo, ainda tem o percurso pra ir pra escola, que eles vão

de canoa, encosta na frente e desce por terra de pé eles caminham uma hora pra chegar lá na escola. Também falta professor, eu acho que é por que aqui é difícil de chegar.

Além da falta de professores, o que é algo corrente, afinal, não é muitos os que estão dispersos a ir para áreas muito afastadas das cidades, em virtude da escassez de serviços como transporte, energia elétrica, saúde e mesmo, de instrumento como transportes para a realização de seu trabalho.

As habitações são simples, predominando construção a base de madeira, palha ou barro, sem muito conforto, porém o modo de vida urbano já está chegado à localidade, mesmo que de forma tímida, através de serviços como energia elétrica, o que conseqüentemente leva os moradores a consumirem produtos típicos da vida da cidade, como é o caso da televisão um fogão e uma geladeira, o que pode ser observado na residência de um morador da comunidade que afirma:

Aqui em casa tem uma televisão que eu comprei na cidade, depois de chegar aqui a energia elétrica, né? Por antes só era movido a motor aí gastava muito óleo diesel. Ainda não temos fogão e nem geladeira, por causa de ser muito caro, principalmente a geladeira, aí guardamos tudo no isopor com gelo e pra comer agente usa o fogão de barro, já que o que não falta é lenha para alimentar o fogo e também não precisar gastar com gás. (Sr. Raimundo, morador da comunidade)

Mas isso se vê na maioria das casas da comunidade, pois como percebemos nas falas de outros moradores terem geladeira e fogão, pois não é uma necessidade primordial e também pelos custos que tais equipamentos trazem para a comunidade, já que o fogão precisa de gás e a geladeira consome, na visão deles, muita energia.

As paredes são geralmente ornamentadas com fotografias de familiares e imagens de santos, o que vem revelar a religiosidade dessas populações, que tem na fé, a forma de amenizar ou resolver suas aflições e problemas, em virtude da escassa atuação do Estado. As casas geralmente possuem no máximo três compartimentos entre eles: a sala que é um grande salão para receber visitas e também o local onde muitos dormem e a cozinha onde são preparados as refeições e um quarto que geralmente é do casal.

A proximidade com a cidade de Abaetetuba percebe-se dois fatos; o primeiro a influencia, os costumes e os valores da cidade passam a ser inseridos na comunidade devido à televisão que muitos compram na cidade e também pelas viagens a cidade para estudo ou trabalho, que muitos da comunidade realizam. O segundo pela questão do lixo

que a correnteza do rio leva, vindo da sede municipal, para a região das ilhas e também pelo próprio lixo produzido na comunidade já que não há coleta, causando assim um grande acúmulo de dejetos sólidos, como o plástico que é um material de difícil decomposição, principalmente nas áreas de várzeas depositados pela subida e descida da maré.

3.3 – A ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE

O rio pode ser considerado como uma extensão dos lotes das famílias, pois há uma interação e complementação de espaços ecológicos, econômicos e principalmente cultural. Desse modo, as populações que habitavam e habitam as margens do rio, precisam ter a sua identidade preservada e reconhecida. É necessário reconhecer a sua capacidade de produzir instrumentos para tornar eficaz sua relação com o meio: é preciso ainda entender os padrões de comportamento socialmente transmitidos que embasam essas comunidades humanas, do ponto de vista do embasamento físico, ambiental e ecológico.

Os ribeirinhos e o seu político-delegado exaltam a convivência secular dos habitantes da Amazônia com agentes externos que por ai se integram e se integraram, em nome de objetivos mercantes, missionários ou científicos, pensando-se subjugados a diferenciadas, mas contínuas formas de colonização.

Tratando da organização política, os moradores da ilha desejam arrecadar verbas do poder público para montar projetos com o objetivo econômico e socialmente as comunidades envolvidas. Os projetos reivindicados baseiam-se no apoio a piscicultura, manejo florestal e aprimoramento da atividade pesqueira.

Para a realização de tal objetivo, são formadas parcerias com instituições que possam contribuir com o aparato técnico - científico, como a Universidade Federal do Pará, e a EMATER e também a Igreja Católica. Mas, como qualquer circunstância o saber do produtor deve ser considerado, pelo fato de os ribeirinhos reivindicarem a legitimidade e a prevalência de seu saber, considerando-se capazes de assegurar manejos e reproduções pautadas pela sustentabilidade, o que reforça o fato deles serem tidos como os “guardiões da floresta” herdeiros dos conhecimentos de antepassados indígenas e tantos que se aventuraram no meio da região amazônica, usufruindo da

natureza de maneira responsável, pois é dela que provêm não apenas o seu ganho, mas também o sustento.

E uma das possíveis soluções para o seu anseio seria elaborar projetos com base na agroecologia que em simples palavras, representa a integração de idéias ambientais e sociais acerca da agricultura. Uma vez que emprega um maior numero de pessoas em razão do uso de recursos técnicos simples, sendo poupadores de matéria – prima. Assim a agroecologia seria uma alternativa que poderá contribuir para o desenvolvimento econômico das áreas ribeirinhas.

A geógrafa Bertha Becker coloca de seguinte forma em um dos seus trabalhos:

A maioria das iniciativas desse setor, contudo, está associado ao extrativismo de produtos florestais não madeireiros implementados em projetos de comunidades, financiados por organizações religiosas, ONGs e, hoje, também pelo setor privado. Envolvem frutas, oleaginosas, seringa, produtos para fins medicinais e cosméticos – óleos vegetais, seivas, cascas -, fibras naturais, resinas, produtos artesanais, plantas ornamentais e sementes. O mel de abelha e a pesca melhorada assumem expressão crescente nos projetos comunitários. O grande mote para os pequenos eco negócios é agregar valor aos produtos extrativos e/ou agroflorestais. (Becker, 2009, p.50)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo sobre a comunidade Tabatinga, foi se atentando para o modo de como eles se definem, se organizam e se (re) produz enquanto unidade espacial. A comunidade se define como ribeirinha, ou seja, além de viver as margens e sintonia com o rio, que lhe dá a condição de ribeirinho, ocupa e produz a sua subsistência numa área de várzea. A natureza e comunidade fazem parte de uma única estrutura social.

Tal população que tem um modo de vida próprio é vista por muito como atrasadas ou primitivas, como indolentes por não estarem inseridos em uma lógica capitalista intensa e não participarem de modo ativo do mercado de trabalho. Essas visões preconceituosas devem ser banidas de imaginário social que por vezes é criado pela mídia por isso há a necessidade de estudos a respeito dessa temática para mostrara a realidade.

As populações ribeirinhas, no ambiente amazônico são capazes de sobreviverem através do extrativismo do açaí, buriti, de outras árvores frutíferas que estão disponíveis na região e também da pesca, pois como se sabe há um grande número de rios e também uma grande variedade de peixes na Amazônia. Por isso a questão ambiental também deve ser pensada para essa localidade e para as demais, pois na Amazônia está acontecendo um grande índice de desmatamento para pastos ou para a agricultura, causando em alguns casos o assoreamento dos rios e a perda de árvores que são importantes para tais populações.

Assim, percebe-se que a comunidade de Tabatinga, no município de Abaetetuba, está ocorrendo uma grande valorização da identidade ribeirinha, devido aos novos agente políticos e sociais que estão se inserindo na comunidade. Também observar-se que a comunidade está procurando certo grau de desenvolvimento, econômico, para isso estão buscando órgãos Federais e religiosos que são capazes de auxiliá-los em seus projetos, principalmente relacionados ao desenvolvimento sustentável e agricultura familiar.

O rio mostra-se como importante para a cultura, história e geografia da região, pois é utilizado como via de transporte, lazer, referencial simbólico através de suas lendas e divindades que ali estão e a obtenção para a sua subsistência e para a reprodução social de todas as comunidades ribeirinhas. Pensar políticas publica para atender tais populações se mostra como um desafio para todas as feras do podes publico já que há uma grande particularidade e peculiaridade na região amazônica.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

AGIER, M. Distúrbio Identitários em Tempo de Globalização. In **MANA**, vol. 7. Nº2, 2001.

BARTH, F. Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras. In: **O Guru, o Iniciador e outras Variações Antropológicas**. Org. Tomke Lask. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BERCKER, B. K. **Amazônia: Geopolítica na virada do III Milênio**. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

CANTO, O. **Várzeas e Varzeiros da Amazônia**. Belém: MPEG, 2007

_____ ; LIRIO, A.; FERRÃO, E. . Ribeirinhos do Mapuá. In: MOTA, G.; et al. (Org.). **Caminhos e Lugares da Amazônia: ciência, natureza e territórios**. Belém: GAPTA/UFPA, 2009, v. 1, p. 7-240.

CASTRO, J. **Geografia da Fome o Dilema Brasileiro: Pão ou Aço**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COSTA, G. S. **Desenvolvimento Rural Sustentável Com Base no Paradigma da Agroecologia**. Belém: NAEA, 2000

CRUZ, V. C. O Rio Como Espaço de Referência Identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: TRINDADE JÚNIOR, S. C. (Org.); TAVARES, Maria Goretti da Costa (Org.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. 1. Ed. Belém: EDUFPA, 2008. P 49-69.

SAILLANT, F e FORLINE, L. Memória Fugitiva, identidade, Flexível: caboclos na Amazônia. In: **Devorando o Tempo: Brasil, país sem memória**. LEIBING, A (Org.) e BENNINGHOFF-LÜHI (Org.). São Paulo: Mandarim, 2001. P. 143-156.

.